

“FAZENDO E VENDENDO”: PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DO BEIJU NA CEAB DE ALAGOINHAS – BA

Álison Cristian Santos Chagas¹

Resumo

Este trabalho tem como objeto o registro historiográfico da produção e circulação do beiju na CEAB (Central de Abastecimento de Alagoinhas-BA) nos anos de 1990. O objetivo é compreender como uma prática cultural que envolve uma infinita rede de relações sociais constituiu-se como uma tradição resistente ao tempo, e como tem singular importância para a população da região carregando consigo significados que, possivelmente, determinam um modo de vida. Com base no método da História Oral descreve como a produção e circulação do beiju comporta variados níveis de interação, sociabilidades e cooperação múltipla entre as vendedoras através da memória.

Palavras chave: Beiju – Alagoinhas – Memória.

Na busca pela investigação

Esse trabalho busca descrever os passos da pesquisa e os resultados até agora encontrados. Inicialmente iremos mostrar como um produto constituiu-se como uma tradição resistente ao tempo, e como tem singular importância para a população da região carregando consigo significados que, possivelmente, determinam um modo de vida.

Em um primeiro momento da pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica. Procuramos monografias, artigos e dissertações focados em nosso tema. Encontramos poucos trabalhos concluídos e outros em andamento, mas que nos auxiliaram, principalmente no que diz respeito ao processo de constituição geral da Central de Abastecimento de Alagoinhas-BA. Além disso, visitamos a Biblioteca Municipal Maria Feijó e a Fundação Iracy Gama que nos forneceram importantes informações.

Nosso recorte cronológico, o ano de 1990, justifica-se pelo fato de que neste período foi inaugurada a Central de Abastecimento de Alagoinhas com a finalidade de promover a organização e demarcação dos espaços da feira livre. Buscamos investigar como o processo

de transição da feira livre da praça J.J. Seabra para a tão almejada CEAB, influenciou o processo de produção e circulação do beiju naquele espaço.

Feira de Alagoinhas: um breve histórico

A feira de Alagoinhas formou-se nos arredores da construção inacabada da antiga Igreja no atual bairro de Alagoinhas Velha em fins do século XVIII. O comércio local só se desenvolveu mais rapidamente a partir de 1863 com a chegada da linha férrea que ligava a capital ao interior escoando a produção do estado. Na segunda metade do século XIX o centro da então freguesia de Santo Antônio juntamente com a feira foi transferida para as proximidades da Estação São Francisco para facilitar o intercâmbio de mercadorias. O crescimento urbano e o comércio de Alagoinhas tiveram sua ascensão graças a instalação da estação São Francisco e do aumento das atividades mercantis facilitado com o transporte pelas linhas férreas. Isso abriu a possibilidade de ampliação das áreas urbanas e concomitantemente o desenvolvimento da cidade e o aumento demográfico.²

Paralelamente ao desenvolvimento da freguesia e posteriormente do município, a feira livre no centro da cidade também foi se desenvolvendo e chegou a causar grandes preocupações na segunda metade do século XX em função da falta de estrutura que o crescimento urbano sem organização acarretou. Na década de 1970, por exemplo, o *Jornal 2001 – PRA VALER* destaca os problemas que a feira trazia ao centro da cidade:

[...] a feira livre está acabando com o centro da cidade. É um mundo de imundices que apesar de recolhidas no sábado à noite ainda deixam, durante a semana, aquele odor nada atraente nas ruas centrais. Sabemos que há gente que lucra com a feira no centro, mas o progresso é assim mesmo: beneficia a maioria prejudicando poucos.³

Esses problemas duraram até a década de 1990 quando foi inaugurado o atual endereço da feira livre a Central de Abastecimento de Alagoinhas – CEAB – localizada no Centro da cidade. Esse espaço promove a organização do comércio e facilitava as mudanças urbanísticas no centro.

Na nova feira concentra-se núcleo de venda, compra, troca e de variados níveis de interação, sociabilidades e cooperação múltipla entre os vendedores que, quase sempre, trabalham juntamente com suas famílias.

Quem entra nesse espaço, entra em um universo multifacetado. Universo constituído por gente que vende, compra, fala, ri, chora, lamenta e brinca. Indivíduos de “carne e osso”, comuns que instituíram há séculos espaços e relações de comércio.

As feiras existem como centros de trocas, há milênios e todas as culturas do mundo desenvolveram esta forma de circulação de mercadorias. Sejam elas fixas ou permanentes, em terra firme ou flutuantes, se constituíam não só em territórios especializados no abastecimento de gêneros essenciais à vida, mas possibilitavam o encontro regular de produtores e consumidores de mercadorias, se convertendo em fervilhantes centros de troca de experiências e vivências humanas.⁴

A feira livre torna-se, portanto, um complexo conjunto de práticas e experiências que evidenciam determinados tipos de vida e comportamentos e, embora tenha grandes problemas de organização estrutural, permanece fabricando cultura e legitimando vivências.

A monografia de Gilmara de Jesus intitulada: *Alagoinhas, da feira de “lá de cima” à CEAB: 156 anos de tradição*⁵ traz contribuição significativa ao passo que destaca os aspectos sócio-econômicos da feira. Segundo ela, o processo de sociabilidade e mudanças decorrente do próprio processo histórico estabelece uma pluralidade cultural que mesmo em processo de transformação ainda mantém traços peculiares desde a sua fundação.

De forma semelhante Hamilton dos Santos em sua dissertação de mestrado convidamos a refletir a cerca dos sujeitos além das suas ocupações. Seu trabalho, intitulado *Vidas nas fronteiras*⁶, evidencia o deslocamento de homens e mulheres de Santo Antônio de Jesus das zonas rurais para a cidade a fim de ocupar-se como feirante. Dessa forma, entende-se que a identidade dos feirantes se dá para além do seu trabalho. Entretanto, nosso recorte e tempo não permite adentrarmos com a devida profundidade na multiplicidade de experiências que esses sujeitos vivenciam. Mas, tentaremos, com cautela, descrever parte dessas vivências nas próximas etapas da pesquisa.

Como lembrar?

A arte de lembrar revela hábitos, costumes, e valores de determinada sociedade, num jogo de argumentos múltiplos entre passado/presente/futuro.

Essa investigação traz como pressupostos metodológicos a História Oral, pois constitui “[...] um método que atribui à subjetividade um valor de conhecimento que possibilita a compreensão da realidade social”⁷. Além disso, a História Oral contempla o registro de personagens comuns não evidenciado pela história tradicional.

Segundo Verena Alberti essa experiência faz-nos perceber as discontinuidades e ingredientes do cotidiano a partir da ótica do entrevistado e nessa ótica estão implícitos (ou explícitos) a influência do presente. Ela acrescenta que a história oral tem:

[...] uma vivacidade, um tom especial, característico dos documentos pessoais. É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes.⁸

Entretanto a história recente, contemporânea, sempre foi objeto de várias críticas notadamente por conta do *método histórico* estabelecido por Seignobos e Langlois no século XIX em seu manual *Introdução aos estudos históricos*. Uma das principais recomendações do *método* era o distanciamento do objeto para não contaminar a análise com a subjetividade. Foi assim que a História do Tempo Presente foi deixada de lado para os historiadores amadores do subúrbio, sem as devidas qualificações.⁹

O século XX recebeu o estigma de objeto de estudo problemático, e a legitimidade de sua abordagem pela história foi constantemente questionada. A impossibilidade de recuo no tempo, aliada à dificuldade de apreciar a importância e a dimensão de longo prazo dos fenômenos, bem como o risco de cair no puro relato jornalístico, foram mais uma vez colocados como empecilhos para a história do século XX.¹⁰

A desqualificação da abordagem do presente ainda está vinculada a perspectiva de uma pretensão a busca irremediada da objetividade, da “verdade histórica” que a partir do “envolvimento” do pesquisador com seu objeto jamais poderá ser alcançado. Essa idéia, além de não permitir o uso das fontes orais, também canalizou a restrição do documento, como se a história fosse feita somente pelo que está escrito.

Como alerta Fiorucci:

Se no passado a História podia não se envolver com o tempo presente, já que as estruturas eram mais duradouras e o tempo corria mais lento, deixando essa função para jornalistas, sociólogos e politólogos, atualmente não. Com a

mudança de paradigmas, a aceleração da tecnologia, das informações e das transformações do mundo social, criou-se a necessidade de explicações mais embasadas, retomando processos históricos, ou seja, a elaboração de análises com consciência histórica, o que apenas o historiador – ou quem saiba trabalhar como tal - pode fazer sem perder-se nas agitações ideológicas, por já ser talhado nesse sentido, por ter o domínio dos procedimentos e do método historiográfico.¹¹

Percebe-se que a discussão acerca do quão próximo a história pode chegar do presente se destacou principalmente com a criação do Instituto de História do Tempo Presente na França dos anos de 1970 onde pesquisadores e publicações centrava-se no estudo do pós-guerra e na discussão sobre teoria e método.¹² De lá pra cá as discussões amadureceram, mas estão longe de estar fadadas.

A produção e a circulação na narrativa dos sujeitos

Durante quatro meses da nossa investigação foram realizadas várias visitas e observações da feira da cidade de Alagoinhas e constatamos que a maioria dos vendedores do beiju eram mulheres. A escolha dessas mulheres que serão as “testemunhas privilegiadas” desta pesquisa ainda está em andamento. E obedece aos seguintes critérios:

- a) que a feirante tenha participado do processo de mudança da feira do centro da cidade de Alagoinhas para seu atual endereço na CEAB.
- b) e privilegiaremos também as mulheres que estejam exercendo a mais tempo a ocupação.

O primeiro desses “sujeitos” chama-se Maria das Neves. Moradora do distrito de Boa União Município de Alagoinhas e vendedora do beiju há décadas. Fizemos visitas à sua barraca na feira e em sua casa onde produz os beijus a fim de descrever parcialmente seu processo de produção. Ela tem nos fundos de sua casa uma pequena casa de farinha onde fabrica os beijus. Os materiais da fabricação ainda são rústicos com exceção do motor para ralar a mandioca. O forno, a vassoura de palha, a cabaça cortada ao meio pra servir de armazenador de água ou farinha de mandioca, a tábua para o corte da massa, a prensa e os gestos no manuseio da massa parecem fazer um ligação tão forte que a identificação com o resultado do seu trabalho é evidente.

Há uma convivência com elementos rústicos e outros de inovação tecnológica como é o caso do motor elétrico tanto no preparo da massa do beiju quanto de outros produtos. De uma maneira geral buscamos mostrar que a organização dos espaços de venda desencadeando novos elementos de circulação como o maior número de concorrência, impactou quantitativamente e não qualitativamente a produção do beiju.

Na rotina de trabalho de dona Maria das Neves tudo começa por volta das cinco da manhã das segundas-feiras quando seu marido, o senhor Edvaldo da Silva Ferreira conhecido como *Bimba*, sai de casa para a roça onde trabalha a cerca de um quilômetro de distância de sua casa. Ele sai sozinho com seus instrumentos de trabalho: o carro de mão e enchada. Enche o carro de mandioca e leva pra casa. Nesse momento junta-se a seu *Bimba*, o filho mais novo e dona Maria das Neves. Descascam, ralam num motor que agiliza o serviço e prensam durante todo o dia. Porém, devemos apontar que a prensa mecânica e o motor elétrico passaram por adaptações que ainda iremos analisar mais precisamente, com os depoimentos de nossos entrevistados.

No dia seguinte, quando a massa está sem líquido aparente, ela é peneirada num triplo processo e temperada a depender do tipo de produto a ser feito. No caso do beiju mais comum, dona das Neves adiciona uma porção de sal e açúcar a massa “medindo com os olhos”.

Ao fazer seus produtos D. Maria exprime seu desânimo ao falar sobre a continuidade do ofício. Sua família não está disposta a perpetuar esse trabalho, procuram sempre deixar claro que querem outra profissão. Esse é o risco que a fabricação de um produto tão cheio de significados corre ao se deparar com o mundo globalizado onde as expectativas de futuro e a falta de visibilidade da profissão acabam desmotivando jovens a continuar a fabricação. Há, portanto um contraponto: de um lado estão mulheres que se constituíram enquanto vendedoras aprendendo o ofício com suas mães e avós e tendo orgulho daquilo que fazem, e de outro, uma nova geração direcionada a novas possibilidades.

Neste momento da pesquisa estamos num processo de reconhecimento de novos sujeitos. A dificuldade se apresenta à medida que tempo é dinheiro para o feirante. O primeiro contato é quase sempre difícil já que eles estão em horário de trabalho e tem que “parar de vender” para conversar com os pesquisadores. Os encontros fora do horário de trabalho também

esbarram na disponibilidade das feirantes que moldam seu dia a dia para atender a demanda da fabricação dos produtos a serem vendidos, principalmente, no final de semana.

Esse é um exemplo de como o trabalho de pesquisa pode ser árduo e artesanal. Um trabalho que não depende apenas da boa vontade e empenho do pesquisador, mas também, da ajuda e disponibilidade das fontes.

Parece-nos que os padrões do “ser mulher” interiorizados pelas ações historicamente dominantes dos homens, principalmente, em lugarejos pequenos e rurais tem diminuído a medida que o custo de vida passa a ser dividido entre o homem e a mulher. A ida para o mercado de trabalho demanda certo grau de independência e caracteriza certa assimetria entre o masculino e feminino. A produção do beiju acaba fortalecendo, em certa medida, a independência financeira para a mulher, por ser esse trabalho predominantemente feminino.

Haja a vista que o novo espaço da feira tenha relativo impacto no processo produtivo, a comercialização do beiju teve que adaptar-se a outros elementos. O vertiginoso crescimento da cidade e o maior contato da população com a feira levou uma maior quantidade e variedade de clientes às feirantes. A adaptação leva em consideração desde o processo de embalagem dos produtos, passando pelo caminho percorrido do local de produção até o local de venda e a maneira pela qual essas feirantes passaram a vender os produtos. Buscaremos identificar como um novo espaço de comercialização tem relativo impacto no processo produtivo.

Enquanto a produção começa no plantio e termina na “casa de farinha”, o processo de circulação entrecruza as etapas produtivas. Com isso, dividimos o processo de circulação em dois estágios. O primeiro é o transporte que começa no plantio até a “casa de farinha” e dela até a feira. O segundo estágio é a forma pela qual esses produtos são vendidos. Um dos objetivos é entender quais seriam os aspectos comunicacionais referentes à comercialização direta entre vendedora e cliente. Percebe-se que essa relação se estabelece pela simpatia. Esse seria o elemento fundamental que diferenciam os feirantes e garantem a venda contínua dos produtos pela fidelidade dos clientes. Ainda como objetivos podemos destacar: a análise das diferenças e semelhanças existentes na comercialização entre o espaço coberto e o aberto chamado de “feira do caçoar” na CEAB; analisar a linguagem característica e as novas estratégias comunicacionais decorrente da mudança.

São, principalmente, durante as sextas e sábados que o número de vendedoras de beiju aumenta significativamente. São no total 69 boxes cadastrados. Grande parte dessas mulheres passam a semana preparando todo seu estoque para vendê-los no fim de semana. Dona Maria das Neves, como a maioria das mulheres que vem de outras localidades, levam os beijus na madrugada da quinta para sexta-feira para a CEAB num caminhão disponibilizado pela prefeitura de Alagoinhas. Eles embalam os produtos em caixas de plástico e cestos de palha de modo que não caiam ou fiquem impróprios pra venda. O transporte é precário e não garante segurança necessária.

Por fim gostaríamos de enfatizar mais uma vez que o objetivo desta comunicação foi apresentar os procedimentos adotados neste estudo. Mesmo tendo consciência de nossa limitação enquanto um pesquisador iniciante tentaremos dar prosseguimento a pesquisa fazendo uma descrição do complexo mundo das sociabilidades em um múltiplo espaço como a feira livre oferece. O trabalho de pesquisa é uma arte de costura de fragmentos do passado que, ao mesmo tempo em que não se pode entendê-lo como algo dado, depende fundamentalmente de um processo de junção de narrativas factuais, memórias e testemunhos que permite a construção de um passado cheio de significados.

Notas

¹ Álisson Cristian Santos Chagas; Graduando da Universidade do Estado da Bahia. Bolsista PICIN; Email: alyssoncristian@hotmail.com.

² LIMA, Keite Maria Santos do Nascimento. Entre a ferrovia e o comércio: urbanização e vida urbana em Alagoinhas (1868- 1929). Dissertação de Mestrado, UFBA. Salvador, 2010.

³ Jornal 2001 – PRA VALER em 16/03/70. Disponível na FIGAM.

⁴ PAIM, Márcia Regina da Silva. Do sete São Joaquim: o cotidiano de “mulheres de saia” e homens em feiras sotropolitanas (1964-1973). Dissertação de Mestrado, UFBA. Salvador, 2005. p. 20.

⁵ JESUS, Gilmara Lopes de. Alagoinhas, da feira de “lá de cima” à CEAB: 156 anos de tradição. 2008. Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em História, UNEB, Alagoinhas. 2008.

⁶ SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. Vidas nas fronteiras: práticas sociais e experiências de feirantes no Recôncavo Sul da Bahia: Santo Antônio de Jesus 1948-1971. Dissertação de Mestrado, UNEB. Santo Antônio de Jesus, 2007.

⁷ SANTOS, Leila Carla Rodrigues dos. A igreja inacabada e a estação ferroviária: memórias e monumentos em Alagoinhas-Bahia. Dissertação de Mestrado, UNEB. Santo Antônio de Jesus, 2010, p17.

⁸ ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história oral. RJ: Editora FGV, 2004. Pg: 14.

⁹ FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

¹⁰ FERREIRA, Marieta de morais. História, tempo presente e história oral. Pg.5.

¹¹ FIORUCCI, Rodolfo. História e Tempo Presente: contribuições ao debate.

¹² MULLER, Helena Isabel. História do Tempo Presente: algumas reflexões. In: História do Tempo Presente. Gilson Porto (org.) SP: Edusc, 2007. Pg:19.